



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A PRÁTICA DA MÍSTICA NO COTIDIANO DAS JUVENTUDES SEM TERRA- ENTRE CONFLITOS E SUBJETIVIDADES.

Ana Paula Alves da Silva ¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer uma reflexão acerca da prática da mística no cotidiano das juventudes sem terra, jovens homens e jovens mulheres do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação CCJC/ MST/MS. A partir de um estudo das relações sociais que são estabelecidas na cotidianidade entre as juventudes sem terra, as famílias e as gerações nos espaços dos eventos do MST, tanto regionais, estaduais ou nacionais, aos qual o público alvo sejam as juventudes ou não, através da observação direta e participante com as juventudes nos espaços dos eventos. Compreendendo como a prática da mística está presente no processo de construção do ser social, nas sociabilidades da cotidianidade dos espaços camponeses/as, ora ressignificando os espaços, ora transformando-os. O estudo propiciou observar que a prática da mística para as juventudes sem terra é um momento significativo tanto na trajetória das juventudes quanto do movimento social ao qual está inseridos/as o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A prática da mística se apresenta ora por momentos de conflitos, como estratégia utilizada para dominar os corpos e sentimentos, outros momentos de coletividade, porém contribui para a participação política das juventudes, a ressignificação dos espaços e a construção do ser social.

PALAVRAS- CHAVE: (1) Juventudes; (2) Mística; (3) Subjetividades.

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Humanas/ UFGD, atualmente discente do Programa em Pós- Graduação em Sociologia na mesma Instituição de Ensino, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ CAPES. Endereço eletrônico: annaufgd@gmail.com

INTRODUÇÃO

É tão importante que dizia que é a vida da militância, sem mística não há militância, sem militância não existe movimento. (Jovem Homem, 26 anos, assentado em um Pré- Assentamento).

Os estudos acerca dos grupos sociais que estão nos espaços do campo têm aumentado de forma significativa tanto no estado de Mato Grosso do Sul, quanto em âmbito nacional, pois a criação de novos projetos de assentamentos criados a partir de políticas públicas têm proporcionado aos homens, mulheres e jovens caminhos de emancipação e autonomia.

Está realidade pode ser vivenciada, pois segundo dados do Instituto de Colonização e Reforma Agrária/ INCRA no ano de 2012 foram criados 190 projetos de assentamentos, reordenando assim os espaços anteriormente liderados/as por grandes proprietários/as de terra, atualmente são espaços reesignificados, ou seja, através das práticas dos/as camponeses/as tornam estes espaços com um novo significado, uma nova forma de se ver, enxergar a realidade presente, aonde às famílias tem a possibilidade de re/construírem suas vidas, escreverem suas histórias a partir de suas trajetórias, e espaços estes significativos para pesquisas na área das Ciências Humanas.

Segundo Sauer (2010, p.28) “Transcendem à luta pelo acesso aos meios de produção e se transformam em um processo de construção de sujeitos políticos, recriando relações sociais e transformando o espaço rural na constituição de uma nova ruralidade”. Assim os movimentos sociais têm desempenhado um papel significativo no processo de construção de uma nova sociedade, de um novo campo que atualmente não se apresenta como longe ou isolado do urbano, não são distintos e sim se entrelaçam.

Como processo de ressignificação dos espaços, as ações dos movimentos sociais têm se evidenciado de forma significativa a mudar a forma de se ver e viver nestes espaços, o processo de luta pela terra durante a trajetória no acampamento é significativo para compreendermos tais transformações. Para Sauer:

A luta pela terra se coloca no contexto do debate sobre a espacialidade e a territorialidade na modernidade, transformadas pelo processo de globalização. A modernidade – historicamente um conceito relacional identificado com a cidade – produz representações sociais e valores que perpassam os itinerários de vida e influenciam a reconstrução da identidade das pessoas que lutam pelo acesso à terra.(SAUER, 2010, p.21)

Durante o período que os indivíduos estão em coletivo nos acampamentos é o momento que se iniciam as relações sociais, onde há o processo de territorialidade frente ao modelo hegemônico excludente que a sociedade os impõe, é o momento que se estabelecem as primeiras relações de familismo, comunitarismo, reciprocidade e coletividade.

Relações estas que são estabelecidas e aos quais contribuem significativamente para a vida que será vivida posterior ao acampamento, nos espaços dos assentamentos, que por vezes se diluem, se perdem, as cercas demarcam os territórios, cessam tais relações, e as lembranças do que foi vivenciado durante a trajetória no acampamento ficam em um passado que se relembram nos momentos distintos, por vezes procuram ser resgatada através das místicas, uma busca dos movimentos sociais.

É neste contexto das ações dos movimentos sociais e a busca por ressignificação dos espaços que se encontram a prática da mística, momento que se repete todas as ocasiões que os/as assentados/as estão juntos/as em coletividade, seja para lembrar algo significativo, ou para celebrar, a mística têm o sentido religioso, porém não há símbolos religiosos, são reesignificados por elementos significativos para o coletivo, como os alimentos em fartura, a enxada, foice, bandeiras, os próprios protagonistas da luta, entre outros elementos significativos para os/as camponeses/as. Para Dayrell:

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere. (DAYRELL, 2007, p. 4)

Para Dayrell (2007) as juventudes com o passar do tempo e das transformações que vão ocorrendo tanto na sociedade com distintos fenômenos, quanto às transformações em suas trajetórias, estas passam a se apresentarem múltiplas em ações, demandas e diversidades.

A prática da mística segundo as juventudes têm o sentido de “vida”, sem a mística não há militância, não há movimento social, está presente em todos os âmbitos do MST, nas falas, nas ações, nos silêncios, músicas, nos símbolos que se representam através dos objetos, da luta e do cotidiano dos/as militantes, como a foice, a enxada, os alimentos. Não é um momento improvisado, há uma preparação antecipada e são delegados/as os/as militantes que irão construir a mística, há uma grande responsabilidade neste sentido. Para Farias:

Em todas as atividades do MST, nos encontros, palestras, há um momento específico, uma atividade denominada mística, que é preparada com antecedência, sempre levando-se em conta o tema tratado, a conjuntura, o tipo de participante, fatos recentes- como morte de militante, conflitos com a polícia, prisões, massacres etc. Um grupo fica com a responsabilidade de sua organização, sendo que existem pessoas responsáveis por esta tarefa no âmbito estadual e nacional, recebendo ajuda de outras no local. (FARIAS, 1997, p. 134-135).

Nos caminhos da pesquisa foi possível observar esta realidade descrita por Farias, ao serem delegados/as da responsabilidade de construir a mística, havia por parte das juventudes uma preocupação significativa em treinar por vários dias, construir a mesma, escolher antecipadamente os símbolos que seriam retratados, a escolha de um tema atual, a fim de propiciar que os/as militantes como expectadores, porém que também estavam envolvidos/as na mística, fossem envolvidos/as em sentimentos e no viés político quanto à ação, a *práxis*.

MATERIAL E MÉTODOS

Não se consegue interpretar um sonho se não se sonha um pouco junto com ele; não se consegue entender a lógica de um símbolo, se não se aceita e respeita esta lógica;

não se consegue compreender a fundo um movimento social, se não se vive um pouco de suas razões e sentimentos. (Caldart, 1987, p. 13).

A metodologia que vem sendo utilizada nos caminhos da pesquisa é da observação direta e participante nos eventos do MST, pesquisa-ação proposta por Paulo Freire, um pensador crítico e educador social que através de suas ações na sociedade propõe uma nova forma na qual os indivíduos possam através de seus saberes articuladas com a prática, transformar a realidade em que vivem, conforme destaca Freire (1967) a educação deve partir do pressuposto de mudança de atitude. A mudança de atitude será apenas pautada segundo o autor se for articulada com a prática, está será assim libertadora e como consequência irá propiciar a transformação dos pensamentos e atitudes dos indivíduos.

A observação participante proporciona ao/a pesquisador/pesquisadora o contato direto com os grupos sociais, ao efetuar as mesmas atividades e exercendo a empatia, ou seja, se colocando no lugar do pesquisado/a construímos paulatinamente um olhar diferenciado, e nos propicia efetuar análises críticas acerca da realidade que se propõe a pesquisar. Para Minayo:

Definimos a observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. (Minayo, 2007, p.70).

A observação direta e participante propicia para a pesquisa presente observar o mais próximo possível às relações que são estabelecidas entre as juventudes e os/as demais, os quais envolvem as famílias, a comunidade, as lideranças e as gerações, ao trabalhar com este método de pesquisa evidenciou-se até o momento significativo para a trajetória da mesma. Ao conviver com as juventudes nas tarefas, ao limpar um banheiro, lavar uma louça, ou até mesmo durante as atividades culturais é possível interagir com os grupos sociais compreendendo os conflitos, sentimentos e ações, aos quais os discursos podem nos enganar e assim não nos permitir compreender as subjetividades.

Ainda atividades com as juventudes nos projetos de assentamentos do MST, trabalhar com grupos focais temáticos (GATTI, 2005), onde os temas são apresentados através de dinâmicas de grupo, seguidas de discussões grupais, registradas através de filmagens e fotografias. São abordados temas da realidade das juventudes e temas aos quais perpassam a pesquisa, o objetivo assim é que através das discussões efetivadas posteriormente após serem apresentados materiais para os/as jovens como imagens, letras curtas de músicas, os/as mesmos/as possam se expressar de maneira crítica, autônoma e assim através de filmagens e imagens possamos compreender a realidade que se apresenta com as juventudes. Para Martins; Ferronato; Simões; Maurenre; Costa & Koller:

O Grupo Focal ou Grupo Foco (GF) tem sido utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados através da interação grupal. [...] Busca-se obter a compreensão de seus participantes em relação a algum tema, através de suas próprias palavras e comportamentos. Os participantes descrevem, detalhadamente, suas experiências, o que pensam em relação a comportamentos, crenças, percepções e atitudes [...]. (MARTINS; Ferronato; SIMÕES; MAURENTE; COSTA & KOLLER, 2001, p. 2-3).

Ao trabalhar com grupos focais temáticos conforme evidenciado acima com as juventudes um dos objetivos é que seja possível interagir em grupo não apenas com os/as jovens, mas sim com os pais, mães, e lideranças do MST. Como técnica de pesquisa a aplicação de questionários durante os eventos e as atividades nos projetos de assentamentos, com perguntas semiabertas durante as atividades desenvolvidas nos projetos de assentamentos e nos eventos do MST, a fim de que possa efetivar um estudo com dados estatísticos (BARBETTA, 2002) acerca da realidade das juventudes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mística é uma forma de mostrar às pessoas a realidade do país, e de contar como os fatos acontecem de verdade. (Jovem mulher, 20 anos, assentada no P. A 17 de Abril em Nova Andradina).

A prática da mística está presente em todos os momentos que as juventudes estão em coletivo, Para Boff e Betto a palavra mística vem do adjetivo mistério:

Originalmente, a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intensão) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado. Importa enfatizar o fato de que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante. (BOFF; BETTO, 1994, p. 12)

Momentos em que não é preciso o uso da fala, através das subjetividades o que envolve a ligação direta dos/as militantes que participam da prática da mística ou dos/as que são expectadores/as atentos/as, a mística conduz os/as sujeitos sociais a experimentar uma experiência religiosa, como as ocorridos em ritos de iniciação. Esta experiência se apresenta envolta em vários símbolos, aos qual o objetivo é atingir os sentimentos mais íntimos dos/as militantes, ao retratar as lutas ocorridas anteriormente o que envolve perdas significativas durante os caminhos percorridos, a mística impulsiona para as lutas que ainda estão por vir.

Efetivada tanto nos acampamentos, momentos que antecedem a conquista da terra, quanto nos assentamentos, após a conquista da mesma. A prática da mística segundo Coelho têm o sentido político e cultural:

No caso da mística desenvolvida pela organização do MST, por ser uma prática apropriada dos grupos religiosos que lhe prestavam assessoria (especialmente a CPT), ela também possui sua historicidade, ao passo que foi produzida e reproduzida historicamente junto ao Movimento. O cultural e o político, atribuídos ao seu entendimento, se explicam pelo fato de que não há como separar estas duas dimensões no fazer da mística. Analisando o conjunto de fontes selecionadas para edificação do trabalho, nota-se que a política se torna uma dimensão fundamental e importantíssima para se compreender os sentidos de sua produção no Movimento. (COELHO. 2010, p.174)

Visto ter o sentido tanto político e cultural propicia para todos/as militantes do movimento tendo em vista as juventudes, momentos de reafirmação, de

comprometimento e responsabilidade de cada um com o ator social maior e coletivo, o MST. No que tange as juventudes e os caminhos da militância para Martins (2009, p.180) “é a idéia de sacrifício”, pois as juventudes aos quais foram objeto de pesquisa da autora, jovens militantes do estado do Paraná, foi possível observar que há grandes dificuldades em desempenhar o papel de militante, se encontram “muita responsabilidade e compromisso”.

A prática da mística se evidencia neste sentido como um destes momentos em que são impostas as juventudes a suas grandes reponsabilidades, o objetivo aqui com a discussão não é retirar a grande importância que há a mística para os/as militantes, as juventudes em suas indagações reforçaram dizendo que a mesma se apresenta como um viés importante para a vida do movimento. Ultrapassando as barreiras e rompendo as cercas, de que maneira os símbolos retratados na mística se apresentam enquanto controle sob os corpos, as emoções e desejos dos/as militantes? Para Farias:

É certamente verdade que, diante de tais valores éticos e políticos presentes na mística, esta se torna fundamental. Destacamos com preocupação tais preceitos, pois isso traz à tona uma predisposição aos valores do MST, que no momento oportuno vão sendo introduzidos nas ações de todos que estão nelas envolvidos, principalmente a massa, que desconhece o significado do socialismo ou pode entendê-lo de outra maneira. Tal fato denota, neste caso, por parte do MST, a dificuldade de interpretar os valores, a cultura e principalmente os desejos das famílias sem-terra, que, em certos momentos, são desqualificadas enquanto portadoras, também, de uma utopia, de um projeto e de conhecimentos no dia-a-dia, na experiência do saber-fazer de cada uma. (FARIAS, 1997, p. 135)

O movimento social utiliza da prática da mística como estratégia de dominação e perpetuação para a própria vida do mesmo, como controle dos corpos, emoções e sentimentos, aos quais em alguns momentos segundo Farias há dificuldades no sentido de se interpretar os valores e desejos das famílias sem terra, as desqualificando como portadoras de utopia.

Em pesquisa de campo durante a participação no 6º Congresso Nacional do MST entre os dias 10-14 de Fevereiro de 2014, como pesquisadora fui convidada por uma militante para participar de uma intervenção que ocorreria em um dos momentos do evento com a participação da delegação do estado de Mato Grosso do Sul. Confesso que a principio fiquei muito entusiasmada em participar, pois está seria uma oportunidade única, aos poucos conforme os dias iam passando ao observar o quanto a prática da mística é importante para o coletivo, me dei conta de que como pesquisadora que estava

ali observando e refletindo sobre a sua prática, não poderia participar de algo tão particular em um momento tão significativo, a comemoração dos trinta anos do movimento. Pois para Boff e Betto (1994, p. 25): “A mística é, pois, o motor secreto de todo o compromisso”.

A prática da mística se apresenta enquanto a construção de uma memória histórica, segundo Coelho:

[...] Para tanto cria-se uma “memória histórica” para que o grupo que, por vezes, é sistematizado de forma distinta da “memória oficial”. As apresentações da mística buscam o processar de uma “lógica histórica”, em que são retratadas a intensa opressão e violência sobre a classe trabalhadora [...] (COELHO, 2014, p. 176).

Através das letras das músicas que são acompanhadas das místicas com dizeres como “Mostra sua garra sua vontade de lutar, a juventude socialista é radical e nossa luta é internacional, [...] avante revolucionário [...]”. É possível assim observar como o processo de socialização é significativo na construção da dominação masculina e sua perpetuação, aonde cada um possuem como uma marca registrada, a maneira que irão se posicionar frente a outros/as, o que dizer o que não dizer, preservando sempre os códigos de silêncio, jovens homens e jovens mulheres. Observa-se a relação que há está discussão no interior e exterior do MST, está atrelado à perspectiva de Bourdieu (2002, p 26), quando evidencia que: “O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder”.

Neste sentido que há a relação entre dominante e dominado ao qual Bourdieu em suas análises nos chama a atenção, para que os dominadores/as possam exercer o seu poder é preciso que exista consentimento por parte dos/as dominados/as, ou seja, é necessário que aceitem o poder que lhes é imposto, seja por diversos motivos que os/as impulsionam.

A prática da mística se apresenta em múltiplos significados, entre eles enquanto a construção de uma memória coletiva ao qual tem por objetivo não deixar de existir a memória que comporta as atrocidades que foram cometidas com os povos do campo, e a violência que sofreram, porém é preciso ultrapassar as barreiras de nossas compreensões quanto o seu fazer no que tange o controle que se exerce sob os corpos, emoções e sentimentos dos/as indivíduos. A prática da mística tem o sentido de

unidade, ou seja, de coletividade onde todos/as estão inseridos/as, porém é um momento de controle e estratégia de dominação para que todos/as que estão participando ou sendo representados/as não se ausentem da luta, ou seja, da sua responsabilidade de manter o movimento social vivo e em chamas, e em sua grande maioria está reafirmação veem das vozes masculinas.

Temos observado que este poder não é criticado ou até mesmo colocado em pauta para discussão, conforme Durkheim (2007) a socialização é um processo natural ao qual os/as indivíduos vivenciam ao longo de suas vidas, suas trajetórias que acabam por ser algo natural aceitar as regras, as leis. Para Durkheim (2007) a primeira instituição significativa ao qual os/as indivíduos vivenciam o processo de socialização é a família, com normas e regras a criança por nascer apreende de seus pais como deve se comportar. Com o passar do tempo ao longo de sua vida adulta há outras instituições que também irão lhe cobrar comportamentos específicos, como a Escola, o Estado, Igreja.

Nos espaços dos movimentos sociais, do MST a dominação advém de símbolos que são significativos para o movimento social, e são utilizados no momento da mística, não apenas as músicas com dizeres de convencimento, como objetos que os faz lembrar a todo o momento da luta, do que já vivenciaram outros/as militantes, que muitos/as indivíduos faleceram por conta da luta. Objetos como a bandeira, o vermelho que representa o sangue de militantes que se foram na morte, o boné, as camisetas ao qual todos/as estão usando sempre nos encontros, como uma identificação, todos são objetos e processos que envolvem a prática da mística, e ao qual se perpetua em todas as situações do movimento social. É o habitus (Bourdieu, 1998) interiorizado nos indivíduos.



Foto 01: Jovem sem terra durante discussões a respeito do histórico do movimento social, agosto de 2013, foto tirada por Ana Paula Alves da Silva.

Foto 02: Símbolos da mística de encerramento do encontro, agosto de 2013, foto tirada por Ana Paula Alves da Silva.

As imagens segundo Martins (2008) nos proporciona “ver o que por outros meios não pode ser visto”, nos evidenciam olhares múltiplos que nos fazem observar a importância que há para as juventudes sem terra a mística, as músicas, os poemas. A figura 1 evidencia que durante as discussões acerca do momento histórico ao qual o movimento social passou, as juventudes estão imbuídas em uma lógica ao qual através dos símbolos as faz perceber a importância que há a sua própria trajetória se entrelaçando com o contexto histórico do movimento social, o MST. A figura 2 por sua vez mostra os símbolos no contexto da mística, a importância do conhecimento, do saber no processo de transformação social através dos livros, a enxada representando a ferramenta tanto de luta quanto de trabalho, a bandeira simbolizando o movimento social, e a cor verde representando o verde, a natureza ao qual proporciona o contato com a terra, que significa luta e que produz alimentos para a comunidade.

A mística em alguns momentos se tornou algo significativo para o resgate de muitos valores, ora um “incomodo” para alguns, mas que ia sendo superado no decorrer das músicas, das poesias, dos abraços com mulheres e homens. Durante a mística estavam sempre presentes todos/as, construídas assim antecipadamente pelo coletivo, ou seja, pelos núcleos de base ao qual irei discorrer adiante, demonstrando seus desejos, sonhos e ideologia, observou-se a todo o momento o resgate, para que as juventudes se organizem.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES.

O processo da pesquisa de campo nos proporciona enquanto pesquisadores/as vivenciar as relações cotidianas nos espaços camponeses/as, e vivenciar acima de tudo o quanto é significativo para os/as indivíduos o sentimento de pertença. Proporciona-nos um olhar diferenciado para o objeto de pesquisa.

A prática da mística do MST segundo Coelho (2010) têm um sentido duplo, político e cultural, é o momento ao qual durante a mística expressam seus desejos, suas ideologias, a construção do ser social. Até o momento foi possível observar que muitas questões envolvem a prática da mística, questões de gênero, a relação das juventudes com as gerações, ou seja, as juventudes não podem ser visualizadas como individuais, estão em um processo de construção social permeadas por múltiplas questões.

Envolto entre este contexto através dos símbolos aos quais estão na prática da mística, como as ferramentas que simbolizam a luta do passado e a luta presente, as letras das músicas, são elementos aos quais são utilizados como estratégias de dominação sob os corpos e sentimentos dos/as militantes. Para Eliade:

Se o espírito utiliza as Imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória, e conseqüentemente não poderia ser expressada por conceitos. [...] É então que a Imagem em si, enquanto conjunto de significações que é verdadeira, e não uma única das suas significações ou um único dos seus inúmeros planos de referências. Traduzir uma imagem na sua terminologia concreta, reduzindo-a a um único dos seus planos referenciais, é pior que mutilá-la, é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento. (ELIADE, 1991. P.11-12)

As imagens que se apresentavam nos bonés, como a luta do homem e da mulher, a cor vermelha que estava presente tanto nas camisetas quanto nas bandeiras ao qual significa o sangue de muitos/as militantes que foi derramado nos combates em busca da terra, compreende-los isoladamente é como Eliade (1991) ressalta: “é aniquilá-la”. Os motivos aos quais os/as impulsionam a levantar as bandeiras, todos/as com a cor vermelha em seus símbolos e imagens retratam anos de luta, aos quais envolveram medos, angustias, sonhos e esperanças, subjetividades nos caminhos percorridos. Para

Eliade (1991, p.8): “o pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva”.

A mística se apresenta enquanto um processo de construção de ideologias, porém para as juventudes sem terra é um momento de resgate, ao qual envolto em conflitos busca-se resgatar a história do movimento social para que as juventudes participem, “lutem”. Perpassa momentos que foram vivenciados nos espaços dos acampamentos e atualmente enquanto resgate histórico contribui para a resignificação dos espaços, transformando-os em espaços de conflitos, desejos e anseios no âmbito da juventude sem terra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ CAPES pelo fomento da pesquisa, e aos jovens homens e jovens mulheres sem terra do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação CCJC/MST/MS, aos quais compartilham de suas experiências e trajetórias com nós pesquisadores/as.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBETA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 5º ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2002. P. 13-40. (Introdução e 2 Pesquisa e dados) .

BOFF, Leonardo, BETTO, Frei. Mística e espiritualidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. A dominação Masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro 2º ed. Bertrand Brasil. 2002.

CALDART, Roseli S. *Sem Terra com poesia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

COELHO, Fabiano. A prática da mística e a luta pela terra no MST. Dissertação Mestrado em História, Universidade Federal da Grande Dourados. UFGD, 2014, p. 284.

COELHO, Fabiano. A alma do MST? A prática da mística e a luta pela terra. Dourados-MS: ED. UFGD, 2014, p. 291.

DURKHEIM, E. As regras do Método Sociológico. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 165p.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Edição. Editora Atlas. São Paulo. 2008.

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino de Sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. Acampamento América Rodrigues da Silva: Esperanças e Desilusões na Memória dos Caminhantes que Lutam pela Terra. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal em ciências sociais e humanas. Brasília, DF: Laber Livro, 2005.

MARTINS, De Antoni, C, FERRONATO, C; SIMÕES, M. A; MAURENTE, A, MaurenTE, COSTA, V F; KOLLER, S. H. (2001). Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 53(2), 38-53.

MARTINS, José de Souza, Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo, Contexto, 2008, 208 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SAUER.S. Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasileiro. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

